

Entrevista com o ex-jogador Afonso Celso Garcia Reis, o *Afonsinho*¹

Provocadoras: Nathália Fernandes (PPGH/UFF) e Aimée
Schneider (PPGSD/UFF)

1. Durante a sua carreira como jogador houve questionamentos sobre a barba que você usava. Como foi passar por esse tipo de cerceamento? Você atribui essa censura ao momento político da época ou acredita que tenha sido um posicionamento somente do futebol?

R1: Têm duas perguntas aí, a primeira parte é sobre a questão da barba. Então, isso aconteceu, mas foi um pretexto por conta de outras razões, de outras causas. Eu fui tendo problemas de relacionamento com meu clube à época, que era o Botafogo, e tava tudo misturado, a questão profissional com a questão pessoal e política mesmo da época. Eu vim de uma família de base imigrante, ferroviários; (...) eu vivi um ambiente em um período em que a estrada de ferro era encampada, então tinha muita participação dos ferroviários, meu pai era muito ativo com os ferroviários. Quer dizer, eu já vim daí com interesse na questão social, né? A base é isso, então daí comecei a jogar futebol, ainda em Juú eu joguei de 15 para 16 e de 16 para 17 anos, em uma equipe profissional, embora fosse amador, a legislação da época permitia que em um clube profissional, o jogador inscrito na CBD... o clube podia usar até quatro amadores e tal, e nessa condição eu joguei e aí acabei me revelando e fui convidado a vir para o Botafogo (...) Então o clube que funcionava profissionalmente e tinha a categoria de amador, os amadores assinavam o chamado contrato de gaveta, que você ficava ali reservado e o clube registrava no momento que interessasse a ele, ou seja, você estava preso. (...) Então já no ano que eu cheguei aqui no amador, hoje chama juniores, antigamente chamava juvenil, mas hoje chama juniores. Já nesse primeiro ano, eu disputei o campeonato de juniores e já comecei a ser lançado na equipe profissional na mesma condição de amador, né? (...) Aconteceram algumas crises no relacionamento, aí as coisas se misturaram né, eu já estava também na faculdade, envolvido na

¹ A entrevista foi realizada no dia 09 de dezembro de 2019, no centro da cidade do Rio de Janeiro. A transcrição, redação e organização dos conteúdos foram realizadas pelas provocadoras.

questão política, na questão social, e aí era naquela época de cabeludo, de barbudo, aquela coisa toda. No meio desse período de crise, eu fui emprestado ao Olaria. Eu não podia sair, começando o ano, os dirigentes do Olaria e os do Botafogo vieram me fazer uma proposta e isso tudo era um desgaste muito grande. (...) O Olaria fez uma campanha muito boa nesse campeonato, na época da Copa de 1970, e pra mim foi um renascimento, não só nessa questão assim, como intimamente, eu retomei, eu vi uma outra situação. Eu vi uma outra possibilidade, que eu não precisava... eu me retirar, o futebol ia continuar, domingo ia ter jogo e tal... na verdade eu retomei o gosto, porque eu ao invés de ser soterrado, foi um renascimento pra mim (...) O time ia treinar no dia seguinte, terça-feira, três horas, que eu me apresentasse. E eu me reapresentei, aí treinei a primeira parte, aí chegou o dirigente, chegou o treinador do lado e numa conversa a três na bandeira de corner do Botafogo... eles me deixaram continuar treinando e tal, aí eles “ué você não tá vendo que você... os seus companheiros tão treinando”. Porque na volta né, foi na época da Copa de 1970, e o Olaria como tinha feito uma campanha muito boa, teve uma excursão pelo exterior, nós fomos para a Indonésia, Tailândia, Irã, tudo e, então acabado a copa, quando me reapresentei, eles não reconheciam e tal, e no campo disseram assim “você ta parecendo um tocador de guitarra, um cantor de iê, iê, iê” e tem fotos lá, barbicha ainda incipiente, um cabelo... uma coisa muito própria daquela época, que tinha um significado de revolta de oposição ao momento complicado da vida política brasileira. Eu interessado, estudante, que freqüentava a assembléia, a tudo. Aí eles me proibiram de treinar “a gente não reconhece a reapresentação, você ta parecendo um cantor de iê, iê, iê” e eu me reapresentei a direção e a minha situação ainda tinha sido agravada, porque a minha dificuldade lá era com o Zagallo, que tinha sido campeão do mundo em 1970, então se o negócio já tava enguiçado ficou pior a minha situação, com os dirigentes da época. Então como não tinha jeito, eu queria resolver aquela situação pra seguir minha carreira, minha profissão em última instância, aí no dia seguinte eu voltei, como minha obrigação profissional, e tinha uma ordem pra rouparia não me dar material, eu estava proibido de treinar. Aí ficou aquilo vai, não vai, um impasse... o passe tinha se tornado um impasse... e foi passando o tempo e eu não tive outra alternativa senão recorrer à justiça né?

2. A segunda pergunta vai muito nessa linha, porque a associação entre o passe e os movimentos de esquerda são muito feitos, você se consideraria um símbolo da esquerda dentro do futebol?

R2: Não, eu não me considero. É uma situação que existe porque aquilo marcou. Em um determinado momento foi uma coisa que marcou muito a minha carreira, embora eu seja reconhecido como um bom jogador, um jogador de bom nível, isso marcou definitivamente a minha carreira, tanto que eu já parei de jogar há não sei quantos anos e nós estamos conversando sobre isso, e isso é uma coisa que na ocasião poderia ter sido até o fim da minha carreira como profissional e tal, acabou se transformando numa coisa que, quanto mais passa o tempo mais fica sendo valorizado e reconhecido o acerto do meu posicionamento, entendeu?

Porque as coisas que vieram a seguir demonstraram isso claramente. A ditadura, por uma questão até, não se pode dizer normal nem natural, mas não tem como fugir a isso, quem ta no poder, vai tomando conta, o poder vai tomando conta, então o regime militar ele foi entrando em todas as sociedades né, nas empresas de todo tipo, nos supermercados, empresas, de tudo, ela vai entrando, todo mundo precisa... ninguém vive sem política... quer dizer, um palito de fósforo tem um imposto, quem é que determina esse imposto? Isso pra mim é chover no molhado, mas a situação exige que se reconheça isso. Agora essa situação aí de escola sem partido, não é escola sem partido, é escola sem política e isso é uma mentira, quer dizer... você nega o direito da pessoa. Uma das coisas mais fundamentais da minha formação foi o grêmio estudantil da quinta série do primário, entendeu? E foi uma coisa assim, maravilhosa, fazer campanha... na quinta série do primário eu vivi isso, e não tem como viver sem isso, no mínimo pra você exigir que te tire o dinheiro do bolso, né, na forma do imposto, que dê conta do que fez com seu dinheiro, produto do seu trabalho. E no futebol... o esporte é uma coisa que tem um apelo popular muito grande, e um regime de exceção, uma ditadura, ela precisa procurar se popularizar, de ganhar um apoio popular, e o esporte é uma das coisas que mais possui esse poder assim, então se em qualquer ramo de atividade, as empresas, o que seja, precisam de uma ligação, um elo político, aí vai entrando... as comissões técnicas do esporte foram ganhando a presença e a invasão do regime militar em todos os campos da sociedade, certo?

3. Na verdade, o que você começou a falar agora tem tudo a ver com a próxima pergunta, que é como você percebia essa relação entre o governo e os clubes. Se existia uma censura dos dirigentes com o governo, se existia mais inserção do governo dentro do clube, como se percebia isso?

R3: É uma relação direta muito clara. É muito concreta. As comissões técnicas dos clubes foram ganhando a presença de militares. Naquela época já tinha o cargo de supervisor, hoje as comissões técnicas são muito complexas. Então, muitos treinadores, muitos supervisores, tudo. Na própria copa de 1970 foi utilizada como um ganho do regime militar, mas os militares naquela época eles ficaram por fora, já nas comissões técnicas, e de apoio. E, a partir daí, eles passaram a entrar diretamente nas comissões técnicas. A copa da Argentina já foi um treinador militar. Muito claramente. É uma condição que não tem como fugir. Vai passando o tempo, então... Então é isso. Por isso é que acabou sendo valorizada a minha posição. De 70 a 94, o Brasil não ganhou nenhum título mundial mais, foi sempre perdendo. Então, é um equívoco você atribuir... Tem uma participação e tem um valor a intervenção militar? Tem, com alguma – embora mais de fora – mas tinha, né, na questão física, houve uma intervenção. Quer dizer...houve a saída do João Saldanha. Então, mas, aí, quando passou a ter o domínio completo do regime militar, nós ficamos – e ninguém nunca comenta isso – que nós ficamos de 70 a 94 sem ganhar nenhum título. Isso é uma das coisas que fazem a gente ver porque que ditadura não vale a pena.

4. Uma pergunta um pouco sobre torcida: hoje em dia, a gente tem notado muito a presença feminina nas arquibancadas de forma muito marcante, até porque, com esse reconhecimento do futebol feminino maior agora... Na época em que você jogava, existia uma presença visível de mulher na arquibancada como torcedora, ou participando no futebol, ou era um espaço totalmente masculino?

R4: Na torcida, na arquibancada, a presença dela é maior. É, com essa história de futebol feminino, isso aí é a melhor coisa, né. É, porque ficou assim, a... O esporte futebol, que era uma diversão, uma atividade de lazer, que tem muito a ver com família, com filhos, com neto, tudo – isso ficou muito restrito num tempo muito longo. E a valorização do futebol feminino traz isso de volta... Quando eu comecei, existia – tem muitos relatos – de pessoas, de senhoras, coisa e tal, de pessoas que levavam a família. Mas isso ficou restrito. E, agora, volta por conta da valorização do futebol feminino. Mas, em termos de torcida, volta muito devagar pelo nível que a violência atingiu hoje. Estamos aqui, hoje é segunda-feira, ontem teve rebaixamento do Cruzeiro, e as imagens foram das pessoas levando crianças, filhos e *tal*. É um ambiente pra isso: o Estado tem a obrigação de garantir isso e não o contrário. O que nós vivemos não faz o menor sentido – o jogo de futebol com torcida única. Flamengo jogou contra o Palmeiras na semana passada: a torcida, no auge do entusiasmo, não pode acompanhar o time. É um reconhecimento de incapacidade do Estado de garantir a segurança do cidadão. Quê isso? Não existe futebol sem adversário: você é Botafogo ou eu sou Vasco, Flamengo, sou Fluminense – não tem problema. Sem adversário, não tem jogo, né? Então, no futebol profissional, pago, ainda com mais razão, essa ideia de torcida única é um reconhecimento da incapacidade do Estado de promover a garantia do cidadão.

5. Você ficou com receio? Por exemplo, em algum momento você falou “não deveria ter feito” ou você se arrependeu?

R5: Muito interessante isso, porque, na época – acho que foi na época da copa da Argentina, eu acho – foi um auge. Porque, em condições naturais eu poderia ter sido um jogador da seleção. Então, nessa época eu frequentava muito a casa do estudante, ali na Rui Barbosa, assistia alguns jogos lá; e outros lá no campo dos novos baianos. Então, foi um momento, que isso ficou um ano na minha cabeça, porque foi um momento chave, quer dizer: a partir dali, eu poderia também... A minha carreira, à medida que foi passando o tempo, as dificuldades foram aumentando; porque também começou muito a se intensificar essa questão da transferência dos jogadores pro exterior cada vez mais novos. Então, eu, com passe livre, que é uma coisa muito bonita, muito romântica, e tudo, ...mas você num trabalho coletivo, como é o futebol, você precisa de instalações, precisa de companheiros, de adversário. *Tá* bem: você pega teu passe e vai pra casa, e fica lá – senta na calçada e chora. Então, fiquei numa situação muito complicada, quer dizer... Existia uma questão de preparação física... Isso acabou sendo uma das maiores vitórias

– das coisas, dos valores que eu tenho mais caros assim dentro de mim, *né*, foi ter conseguido levar, com o passe livre, a minha carreira até os 35 anos, quando encerrei no Fluminense, entendeu? E jogando em grandes clubes, em clubes de primeira linha. Porque isso era inconcebível. Quer dizer: por todas as razões, a tendência seria eu ir sumindo, à medida que eu ia ficando mais velho e *tal*. (...).

6. Última pergunta para encerrar: o senhor poderia contar um pouco mais sobre a sua trajetória depois do fim da carreira? Como é que ficou o "Afonsinho pós jogador de futebol".

R6: (...) então, é isso, quer dizer: você tem que viver o seu dia a dia. Então, assim como tinha essa alternativa, o teatro, o clube do samba, é... Todas as atividades, nós também, por uma contingência natural, nós nos reunimos e formamos um clubezinho que a gente chamava "O Trem da Alegria" – que representava... O símbolo maior era o Garrincha, que é a alegria do povo. Aquilo que estava deixando de existir, a situação política estava acabando com aquilo que o Garrincha representava no mais alto grau, *né?*– e ele até foi um participante fundador. Porque acabou-se com...: existia uma divisão de aspirante. Os clubes tinham uma média de 40 jogadores por contrato e eles, por essa concepção econômica – entre aspas, *né?*–, eles cortaram a divisão de aspirante. (...) E eu, com passe livre, então, mais ainda. Por necessidade, a gente procurou se reunir e fizemos um timezinho, chamado "O Trem da Alegria", porque naquela época o calendário ainda permitia jogos amistosos. (...)Esse clube, nós viajamos aí pelo Brasil defendendo – era uma forma de resistência, que a gente, num sistema, a gente mesmo dividia por igual o produto dos jogos amistosos; tinha muitos jogadores com apelo, tinha campeões do mundo. (...). E, até hoje, a gente mantém esse grupo não mais como uma forma profissional, se pode se dizer assim, mas aquele grupo, aquela amizade, foi ficando. A gente encerra o ano com o aniversário do Nei Conceição, que é um grande companheiro – nós encerramos, fizemos a festa lá em Paquetá. Todo ano a gente faz. Primeiro de maio, que é o aniversário do time: o primeiro jogo. (...).

7. Posso incluir uma pergunta? Poderia falar, assim, o que você acha, do panorama atual, da questão de esporte hoje: o que a gente tem como forte na educação, na cultura – falar um pouquinho sobre o panorama atual.

R7: Ah, é um... é um período terrível. Como as coisas são mais velozes nos tempos modernos, transporte, comunicação, tudo é mais rápido, *né?* vamos ver se existe uma reação, porque o que aconteceu é absurdo. Depende de nós! Porque é uma coisa inconcebível. Não, assim...: é um absurdo muito grande. Cortina de fumaça, *né?*– joga uma cortina de fumaça e vai entregando a capacidade de trabalho, *né*. Mas eu sou brasileiro, o país do futebol e do carnaval, da alegria. Isso não é à toa, entendeu? Isso não significa que o povo brasileiro seja submisso –nós temos nossas formas de reagir. Pra mim, assim, a essa altura do campeonato, a essa altura da minha vida, o que interessa é o que vou deixar pros filhos e netos – não posso morrer de vergonha, *né?*